

GUERRA SOCIALE

Periodico Anarchico

Redazione e Amministrazione: GUERRA SOCIALE Casella Postale N. 1336

SAN PAOLO - BRASILE

Pubblicati per Sottoscrizione Volontaria

Abbonamento annuale Rs 5\$000 - Abbonamento Semestrale Rs 3\$000

RIUNIONE LIBERTARIA

I compagni tutti di S. Paolo, dei sobborghi e quelli delle stazioni suburbane, sono chiamati ad una grande riunione che avrà luogo, domani, **Domenica 1.° Ottobre, nella rua Florencio de Abreu, 45, alle ore 1, 1/2 del pomeriggio.** E' fatto caldo invito per comparire all'ora indicata. Che nessuno manchi poiché sono in discussione proposte che interessano la vitalità e lo sviluppo del movimento nostro.

N. B. - Il presente invito è diretto agli anarchici, non riguarda perciò chi non milita nelle nostre file, la riunione avendo carattere privato.

Per una protesta non avvenuta

Ebbene, si; ha parlato. Ce ne dispiace tanto per Mazzoldi e per la democrazia che non esiste e, perché no? anche per la social-democrazia che vorrebbe esistere a tutti i costi, ce ne dispiace tanto... ma il grave reato di offesa agli eroi ed ai martiri, s'è compiuto senza incidenti di sorta.

Nessuno ha fischiato! L'intemerato repubblicano Umberto Serpieri ha parlato e quel che è peggio è stato anche applaudito, anzi, come di sé stesso modestamente scrive l'illustre *vuomo*, è stato per giunta quale prima-donna celebre per successi teatrali ed amorosi, richiamato più volte, mentre andava a parlare, a ignorare... Monditi la barba, o l'rauno, anche le signore!... si affollavano intorno a lui in un gentile plebiscito di felicitazioni.

E gli anarchici non hanno fischiato? Vigliacchi!...

Essi hanno tradite le speranze dei dissidenti, di tutti coloro che non si capisce bene cosa ne pensino degli eroi e dei martiri; essi non hanno levato per gli altri la castagna dal fuoco... non hanno lanciato neppure un uovo marcio sul cocuzzolo lucente per l'interna incorruttibile fede che dal massiccio cervello irradia sulla Cafonteria tutta le luci del pensiero fanfollano.

Squalificiamoli! Eppure era intenzione degli anarchici gridare in pubblico l'indignazione loro per lo scempio che dei morti tutta una lercia camorra di affaristi e di politici, va compiendo per utile proprio, inneggiando alla guerra combattuta dagli altri...

Eppure era intenzione degli anarchici sputare in faccia al camaleonte qui venuto da Ravenna, vecchio provocatore di odi tra il proletariato di Romagna, tutto il loro disprezzo...

Ma con abile mossa il comitato organizzatore della carnevalata patriottica, radunava intorno al cencio tricolore, donne e bambini... molti bambini.

E circondato di donne e di bambini, Umberto Serpieri, indisturbato poté gridare, tra gli applausi di una folla d'incoscienti le sue solite frasi a grande effetto, proprie dell'oratore fatosi in mezzo ai boccali nelle taverne ravennati.

Un solo grido discordante, un gesto di minaccia, un invettiva urlata... una sedia smossa, avrebbero facilmente posto lo scompiglio nell'affollato teatro e nel fugi-fugi inevitabile, qualche povero bambino là trascinato da stupidi maestri col consenso di più stupidi genitori, sarebbe rimasto travolto, schiacciato.

E forse su un tale tragico episodio contavano gli organizzatori della grande parata patriottica e vi contavano i costruttori di cappelle votive, e i giornalisti coloniali e vi contavano forse anche tutti coloro che avrebbero voluto udire e vedere gli anarchici fare e dire ciò che loro desideravano, ciò che loro speravano ansiosi...

Poi si sarebbe giuocato allo scaricabarile, poi si sarebbero fatte le reverendissime distinzioni e *coram-populi* si sarebbe imprecato alla folle pervicacia degli anarchici, al teppismo anarchico.

E gli anarchici hanno lasciato dire ed applaudire.

Ora vi sarà chi troverà garbatamente modo d'insinuare che avrebbero dovuto invece agire energicamente e senza scrupoli, e chi dirà che hanno avuto paura di affrontare l'eroica folla di quelli che non partono neppure a calci, ma che vorrebbero far partire gli altri.

Commenti ognuno a gusto suo.

Eppoi nella protesta, se fosse avvenuta, noi ci saremmo considerati soli, estranei ad ogni altro elemento dissidente, estranei anche nell'intenzione aggressiva, che per noi, dopo tutto quell'otre gonfio di vento ch'è Serpieri, non avrebbe personificato che il «pretesto» a traverso cui colpire più a fondo, colpire in pieno, il nazionalismo e la sua propaganda.

E' con questo che noi l'abbiamo e non con i suoi oratori del momento i quali si rassomigliano tutti da Serpieri a... Carlo Battaglia, dal marchese d'Aragona, al barone dei Finocchii!

Aliança Anarquista

Os anarquistas residentes no Estado de S. Paulo e localidades dos Estados vizinhos, considerando o excepcional momento historico causado pela conflagração européa, cujas consequências hão de provocar acontecimentos sociais de ordem economica e politica, em todos os paizes, acontecimentos que devemos e queremos determinar num sentido libertario e revolucionario; tendo em vista o alarmante incremento que estão tomando as instituições religiosas, e a sua acção deletérea, desenvolvendo prodigiosamente, de momento a momento, entre as classes populares, a loucura do misticismo e a morbidez das mais grosseiras superstições, que vão de encontro á liberdade de consciencia, á cultura e ao progresso do povo e, observando com indignação a obra infame das classes dirigentes, que lutam a todo transe para militarizar os habitantes deste pais, infiltrando-lhes de maneira subtil o fanatismo patriottico e a exaltação nacionalista, applicando todas as medidas para efectivar a odiosa e tiranica lei do sorteo militar obrigatorio, intensificando, nas escolas, a educação civica e o exercicio da caserna, deturpando e pervertendo a mentalidade e os sentimentos da infancia, do povo em geral, com o odio de raça e o entusiasmo pela reacção jacobina, resolveram, nesta data, em sua maioria, organizarem-se em grupos autonomos, ligados por uma simples comissão de correspondencia, com o fim essencial de anuar esforços para um trabalho extenso e pratico de propaganda e de acção tendente á emancipação economica, social e moral de cada individuo e da humanidade em geral.

Depois de previa discussão foram aprovadas, como principios moraes e planos de organização da Aliança Anarquista, as seguintes

BASES DE ACORDO

A Aliança Anarquista propõe-se intensificar a propaganda libertaria, reunindo em centros ou grupos os numerosos camaradas que se encontram dispersos por todo o pais, vivendo

na mais completa agatia, por falta de coesão, de relações e de solidariedade, que deveriam existir perennemente, de maneira activa, eficaz, entre homens que sentem as mesmas aspirações, professam os mesmos principios e lutam por um ideal comum.

A Aliança fomentará, por todos os meios ao seu alcance, a propaganda contra as causas fundamentais da conflagração actual e de todos os males sociais que tem como origem o Estado e a propriedade individual, de instituições particulares, ou públicas; activará a acção anticlerical e anti-religiosa, assim como difundirá todas as verdades demonstradas pela sciencia e pela experiencia, no intuito de substituir a moral baseada no milagre, na revelação e na metafisica, pela moral inerente á razão e ao livre exame;

promoverá uma forte agitação contra a lei do sorteo militar obrigatorio, o ensino militar nas escolas e o militarismo em geral, levando esta actividade regeneradora até os quartéis, ao seio das familias, procurando destruir os vicios sentimentaes e moraes da tendencia militarista, que se assenta sobre as oerações nacionalistas e patriotticas.

A Aliança combaterá a propaganda eleitoral e qualquer partido politico estatal, mesmo o que se proponha reformar e, por tanto, consolidar a actual organização politica e economica, ou qualquer outra que não seja baseada no anarquismo;

apoiará todo movimento de agitação ou revolta cujo fim seja limitar o poder do Estado, intervindo, porem, sempre, na lucta pelo programa proprio.

Com relação ao movimento de classe a Aliança favorecerá o desenvolvimento das organizações economicas de resistencia dos operarios das cidades e dos trabalhadores ruraes ou colonos, provocando-as, mesmo, onde não existam, elaborando, para este fim um programa especial, subordinando, porem, a sua intervenção e acção á propaganda integral do anarquismo.

Na Aliança Anarquista as iniciativas que forem lançadas, quer na capital, quer no interior, encontrarão o necessario auxilio na solidariedade geral, ou particular dos grupos que com elas estiverem de accordo.

Os grupos adherentes á Aliança gozarão da mais ampla autonomia, e, se houver uma caixa unica, esta será exclusivamente para auxiliar os perseguidos por questões sociais.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

...E no momento da guerra, quando a guerra social se manifesta, a Aliança Anarquista deve ser a primeira a reagir, a lutar, a combater, a vencer.

L'ora dei buoni proponimenti

L'intesa tra gli anarchici si afferma

«Mauricius che su l'anarchie di Parigi, in altri giornali, ed in opuscoli, fu, un'ardente individualista, assai spesso paradossale e che avanti la guerra sostenne contro i comunisti e gli organizzatori aspre polemiche, scrive adesso, su *Ce qu'il faut dire...* in sostegno della campagna intrapresa da Sebastien Faure per una *Unione Sacra* che dopo la guerra ed anche subito, reagisca alla follia omicidiaria del nazionalismo, al riaffermarsi delle correnti reazionarie ed a tutta la stolta propaganda di odi che la stampa mercenaria e baldracca alimenta, Mauricius scrive una specie di ritrattazione di quanto fu il pensiero suo di ieri e che servi di viatico alla scuola ristretta invero che intorno a lui andò formandosi, sebbene i di lui più caldi ammiratori e propugnatori di un individualismo estremo e... pedagogico fossero appunto quelli che male lo compresero, o non lo compresero affatto.

Mauricius sente che l'ora non è più quella propizia alle accademie sterili, sente che l'eccesso della critica negativa, poggiata sull'assoluto filosofico, uccidendo ogni fede, ogni entusiasmo ci condannerebbe a scomparire senza che il nostro vano parlare potesse cosa alcuna contro il passato che ritorna al dominio della storia, e poiché è un'onesto, un sincero, Mauricius, confessa pubblicamente che si è ingannato e... come tutti i convertiti, pecca per eccesso contrario.

Noi non possiamo, è vero, farci una idea ben chiara di quanto si sta compiendo e preparando oggi, in Francia, dai rimasti fedeli all'internazionalismo rivoluzionario, nemico del capitale e dello Stato; noi ignoriamo quali nuove crisi morali avvengono nelle schiere che non furono trascinata a rimorchio dai capi che vennero meno, che tradirono, tanto nel campo nostro, che in quello sindacale e socialista e perciò andiamo cauti nel condannare una iniziativa che potrebbe, o vorrebbe, condurre gli anarchici, oltre l'intesa occasionale del momento...

Oggi, come oggi, siamo anche noi per l'Unione Sacra, ma di tutti gli elementi anarchici o che agiscono nelle direttive del pensiero anarchico.

Noi vorremmo qui riprodurre tutti interi, nelle parti risparmiata dalla censura francese (viva la democrazia socialista al governo!) i due articoli del Mauricius. Lo spazio però ci obbliga a darne solo le parti più importanti e persuasive.

E noi rimasti sempre un po' individualisti, ma non di quell'individualismo che è scusa a niente fare o pretesto per assumere atteggiamenti... originali, noi, riportando qui il pensiero del Mauricius, ci auguriamo che i compagni tutti, sappino comprenderlo e comprendere il momento storico che passa...

Il gran cataclisma che sconvolge attualmente il mondo chiamato civile, perturba profondamente le condizioni di esistenza e di vitalità che noi avevamo avanti la guerra. Le formule che ci erano care, le forme che noi avevamo adottate per la nostra propaganda, devono essere oggi risolutamente rivedute.

Noi saremmo indegni del compito di novatori, di trasformatori, e diciamo la parola di precursori, che orgogliosamente noi ci siamo assegnati, se il fenomeno storico e formidabile della guerra contemporanea non ci avesse nulla insegnato.

Ah! io so che lo sforzo non è piccolo per gettare lungi da noi questi vecchi amici i pensieri coi quali da lungo tempo avevamo abitudine di vivere.

Ah! io so quanto la legge del minimo sforzo è possente e quanta tendenza abbiamo a considerare come definitive le idee che abbiamo concepite ed i metodi che abbiamo scelti...

...Agire altrimenti, restare colle nostre abitudini di prima sarebbe come condannarci a non rappresentare nulla nell'evoluzione e a diventare a poco a poco degli uomini del passato.

Bisogna riprendere tutta la nostra filosofia nella sua base e nella sua forma, studiarla alla luce degli avvenimenti tragici che noi viviamo, illuminarne le parti inefficaci, modificarne i metodi, vivificarne le manifestazioni.

Sono queste delle condizioni «sine qua

non», senza le quali, dopo la guerra non vi sarà più l'anarchismo...

...Dopo ventiquattro mesi che la vecchia Europa è devastata dalla guerra sanguinosa, ho un po' percorso il paese e visto un certo numero di vecchi compagni delle nostre lotte di un tempo.

Io non vi nascondo che la più parte di essi mi hanno rattristato. Sembra che essi non abbiano compreso l'ampiezza gigantesca del presente momento storico.

Alcuni si rifugiano in un individualismo pessimista nel quale non appare più che lo spirito di conservazione.

Altri si perdono in imprecazioni contro la vita degli uomini e il servilismo universale. Ma gli uni e gli altri ribattono, intensificandole, le stesse parole che dicevano prima della guerra.

Ne ho anche conosciuti di quelli che si trovavano disposti a riprendere alla prima occasione, le vecchie questioni che furono, or non è molto, il nostro pasto giornaliero.

Pochi ne ho veduti che elevandosi alla altezza degli avvenimenti, abbiano intraveduti i loro errori passati, le loro colpe, la loro ignoranza del movimento sociale e abbiano risolutamente fatto «tabula rasa» dei loro pregiudizi, delle loro idee preconcepite per anticipare l'avvenire e operare ormai su un piano novello, generatore di utile azione.

E pertanto è questo che bisogna fare...

«Ah! noi potremo accusare i governanti, noi potremo imprecare sull'inerzia delle masse, sfogarci in maledizioni contro la bestialità inqualificabile degli uomini... noi potremo sempre essere i don Chichotte combattenti contro i mulini a vento. Ma noi potremo anche domandarci se i nostri metodi di propaganda erano ben adeguati agli scopi che ci proponevamo, e se avevamo bene studiato, preveduto e fatto tutto il possibile per scongiurare il cataclisma che, in gradi diversi, ci colpisce tutti dolorosamente.

Io ho fatto questo lavoro, ho riletto i nostri libri, i nostri opuscoli, compulsato i nostri giornali, mi sono sforzato d'essere, non il propagandista che ripete a sazietà delle idee famigliari, ma il neofita che non conoscendo gran cosa, cerca nell'ombra un po' di verità.

E ho avuto delle gioie.

La base stessa della filosofia anarchica per nulla aveva tremato nell'uragano.

Vista attraverso l'atmosfera della battaglia, l'anarchia mi è apparsa come qualche cosa di molto grande, di molto puro, di molto bello.

Le nostre idee essenziali sull'autorità, la patria, la proprietà, la morale, non si erano menomate affatto. La guerra aveva, al contrario, vivificato le verità maggiori che noi enunciamo...

...Ora bisogna dirlo chiaramente, non soltanto gli anarchici non hanno saputo impedire la guerra, ma non hanno nemmeno saputo prevederla.

Gli avvenimenti li hanno sorpresi senza che essi vi fossero preparati e senza che avessero studiato i mezzi per scongiurarli. Nei minuti tragici del Luglio 1914, all'ultima ora in cui si sentiva che l'irreparabile si andava compiendo, io aveva, prima di scrivere l'ultimo articolo sul giornale che dirigevo all'ora, riunito qualche amico. Che fare? Davanti alla dispersione delle nostre forze, di fronte alla mancanza di preparazione, di metodo, di coordinazione che aveva presieduto al nostro movimento anteriore, davanti all'impossibilità di compiere un atto profondo, utile, fecondo, i nostri angosciati silenzi si risposero. Nulla!...

...E sulla carta, ove avrei voluto lanciare l'appello vibrante alle energie ed alla volontà, la mia penna dolorosamente ha scritto: «Si salvi chi può!» «Si salvi chi può!» siamo dei lupi incalzati, che difendono la loro pelle!...

Altri facevano peggio, ma io non mi consolo di non aver saputo dire altro.

I disgraziati smarriti nel nostro ambiente e ai quali l'uragano ha fatto sconvolgere il cervello, sono stati quantità troppo infima, benché taluni avessero una certa notorietà, per arrestare l'opera nostra.

Ma per il fatto che noi siamo rimasti gli stessi, che abbiamo conservate senza debolezze le nostre convinzioni, il non avere rappresentato alcuna parte nella mischia, è qualche cosa di grave che deve farci meditare profondamente...

Questi sono i brani principali che togliamo dal primo articolo del Mauricius, articolo che conchiude con l'augurio che gli anarchici sappino rimediare ai danni dell'imprevvidenza loro, che sappino approfittare della triste esperienza e che il dopo-guerra, con tutti i suoi problemi, non li trovi impreparati e dubbiosi.

(continua)

All'erta!

Richiamiamo l'attenzione dei compagni e delle associazioni di resistenza sulla agitazione operaia santista. OGNUNO AL SUO POSTO.



Excursão de Propaganda

Odissea dos colonos - A loucura religiosa - A sementeira libertaria

O que no interior do Estado de São Paulo, na região servida pela estrada de ferro Araraquarense, mais impressiona o viajante, são as causas dos colonos. Situados em lugares onde a inteligência dos fazendeiros os localizou, sem ter em consideração a topografia do terreno, a convergência dos mananciaes, nem a escolha do clima, esses edifícios de construção primitiva distanciam-se uns dos outros por espaços mais ou menos regulares. As paredes destes palácios são construídas com algumas dúzias de estacas toscas, colocadas a distancia de varios centímetros umas das outras. Algumas chegam ao telhado, outras alcançam a meia distancia. A maior parte dessa choupanas são cobertas com palha e as restantes com zinco.

Nesses chiqueiros o calor, o frio, a chuva, os ventos, as tormentas de pó, de granizo, fazem das suas, como em campo aberto. Os insectos nocivos, que ali se criam, assombam pela sua proliferação.

Quatro sarrafos atravessados uns sobre os outros, e um pouco de herba silvestre ou palha de milho, servem de leito aos desgraçados colonos. E' sobre esses leitões que as mulheres pertencentes ao proletariado camponês dão a luz, sem assistência médica, aos futuros escravos, que hão de continuar a obra dos seus progenitores: trabalhar e sofrer vicissitudes espantosas, para enriquecer os modernos feudatarios.

O fubá, a mandioca (raiz de pau), o feijão, generos de ultima qualidade, deteriorados, constituem, com escassez, a base da alimentação desses esforços pioneiros do trabalho.

Homens e mulheres, velhos e crianças de ambos os sexos, levantam-se ás altas horas da madrugada, invadem os cafezais e, durante todo o dia, torrados pelo sol, banhados pela chuva, ou tiritando de frio, labutam, como leões, até a noite, estafando-se completamente, ao ponto de perderem a disposição para cozer a bafosta, que os cães rejeitam.

Raros são os que vestem roupa interior. Farrapos de algodão, cheios de claraboias feitas pelos espinhos ou pelo excesso do uso, cobrem, a intervalos, os corpos desses produtores da riqueza social. Quasi todos perderam o costume de andar calçados. O pó e a inmundice cobre-os desde as unhas até as pontas dos cabelos, porque não tem tempo nem animo para tratarem da sua limpeza. Tudo neles e cõr de terra: a roupa a pele, o cabelo, os olhos... e até os dentes.

A bem da verdade, sou obrigado a dizer que, em compensação de tantos martírios, ganham e possuem, geralmente alguma coisa: o tracoma, o beriberi, o amarello, a anemia, a tuberculose e... se continuasse não acabaria mais.

Tive ocasião de dizer a um camponez, que si os trabalhadores situantes ou colonos observassem as regras da hygiene e fizessem uso da hidroterapia evitariam muitas doenças. O bom amigo respondeu-me que, além de outras dificuldades que impedem a adopção desse regimen carece-se de tempo, de de meios e comodidades.

As condições de trabalho são de tal ordem que os colonos nem sequer trabalham pela comida, porque é escassa e repugnante. Quando, apesar de todas as dificuldades, o trabalhador da fazenda consegue ganhar alguns mil réis, o fazendeiro ou, em seu lugar o administrador, applicam multas a granel e, não sendo sufficiente esta medida, acabam por não cumprir o contrato, por não pagar o trabalho, dizendo, aos que reclamam os seus haveres, que vão queixar-se ao bispo. Como, aqui, a lei, o direito e a justiça são os proprios fazendeiros, não ha para quem apelar.

Por esse motivo numerosos cafezais acham-se abandonados, as colheitas perdem-se por falta de braços, mas os fazendeiros preferem perder as suas herdades, antes do que estabelecer e cumprir contratos mais equitativos e suportaveis.

Relativamente á cultura da familia camponesa, pode-se dizer que está em relação á habitação, ao conforto, á alimentação, vestuário e trabalho: é uma miseria. E' difficil encontrar uma pessoa que conheça o silabario, e mesmo os estrangeiros que residem aqui algum tempo, esqueceram os idiomas dos seus respectivos paizes e; cada qual fala, com dificuldade, um caló especial, uma

mistura de diversos idiomas ou dialetos que ninguém entende.

A loucura religiosa domina sensivelmente o pensamento e o sentimento da população das cidades, dos logarejos e das fazendas. Cada casa é uma capela. Não ha dinheiro para adquirir o pão, mas sempre aparece para comprar cera, afim de alumiar os bonequinhos de pau.

Todos os males se remediam com rezas e promessas, além de um pouco de azeite de lamparina, com o qual os fanaticos se ungem.

A sciencia médica foi substituída pela magia. Os medicos e os farmaceuticos cederam o lugar aos curandeiros, que tratam todas as molestias com mesinhas, penitencias e orações.

Durante os longos periodos de estio organisam-se procissões, que conduzem ás margens dos ribeiros, os santos, os padroeiros e banham-os para que façam chover.

Em Nova América o fanatismo chegou ao ponto de prejudicar o vigario daquella localidade.

Um estúpido, metido a curandeiro catequisou o povo de tal forma, que este passa o dia rezando... mas não vae á missa, obedecendo aos conselhos do seu facultativo, o qual não pode ver com bons olhos que as almas ingenuas levem o seu peculio ao padre.

Este, por sua vez, está furioso contra o novo messias e contra os seus fanaticos, á causa da concorrência, pois sente-se ameaçado de morrer á mingua.

De mãos dadas com o fanatismo, a pornografia marcha divinamente.

Em Araraquara, por exemplo, vê-mo-se mocinhas de quinze annos percorrer em as ruas, penetrando em todos os estabelecimentos... em todas as casas... pedindo esmolas para Nossa Senhora, ou vendendo bilhetes de tombolas, dirigindo, aos freguezes, graças que fariam corar um santo de pedra, ou insultos, quando não caem com o cobre.

O mais digno de nota e de satisfação para quem viaja propagando o ideal libertario é a psicologia do elemento anarquista destes comarcas.

A amabilidade, e a franqueza, a sinceridade, e a bondade, a honradez e o entusiasmo da grei libertaria captivam e comovem. O acolhimento leal e espontaneo que encontrei em todas as localidades, deu-me animo e facilidade para realizar em poucos dias e de maneira feliz, quer sob o ponto de vista do beneficio economico para nossa folha, quer sob o da propaganda em geral, a tarefa que me foi confiada.

Em Araraquara, com o auxilio dos companheiros, realisei uma conferencia no local da S. S. de Mutuo Socorro, gentilmente cedido para esse fim. Uma banda de musica, prestou o seu concurso, desinteressadamente, para dar mais realce ao acto.

Alguns simpatizantes manifestaram o desejo de que eu realisasse outra conferencia, mas, como a minha demora poderia prejudicar a vida do jornal, continuei a minha viagem, chegando em poucas horas a Itapollis, onde, depois de ter visitado os camaradas, segui para Candido Rodrigues. Nesta localidade respira-se um ambiente de camaradagem e de idealismo que deixa em nossos corações uma impressão emocionante e duradoura.

Aqui o clericalismo não conseguiu ainda erguer a sua tenda de exploração.

Apenas, agora, depois de muitos annos de luta, é que os carolos estão construindo uma capela... para dar mais impulso ao commercio...

Existe uma escola racionalista, a qual se acha a cargo do camarada Vittorio Astolfoni. Este instituto de instrução, acha-se em franco progresso.

O que danifica, em parte, a propaganda nesta povoação é a excessiva bondade dos camaradas para com os elementos extranhos, que se prevalecem das boas qualidades dos nossos amigos para humilha-los.

Estes camaradas devem compreender que não basta ter bondade, é preciso tambem desenvolver o espirito de justiça e não deixar-se atropelar pelos que interpretam a nossa bondade como sinonimo de covardia.

O altruismo é uma virtude, mas não devemos ser Cristos. Quando a impozição e o atropelo nos ameaçam é preciso agir com energia.

«Olho por olho, dente por dente».

Neste logarejo, quasi libertario, rea-

lisei duas conferencias, uma no local da escola e outra num cinema, sendo as duas bastante concorridas. Durante a ultima conferencia, um fazendeiro irritou-se porque eu não falei e mo um padre, por que propaguei a igualdade economica e social.

— Igualdade? disse — isso é o que não posso permitir — e... pouco faltou para que não promovesse alguma scena de pugilato.

Em Santa Sofia, realisei tambem uma conferencia, a qual foi assistida, quasi exclusivamente por colonos e «situantes».

Sem perca de tempo segui para Itajubi, onde os camaradas organisaram um festival e conferencia, no teatro da localidade.

O padre desta freguezia, sabedor de que se ia realizar uma conferencia subversiva, ordenou ás filhas de Maria e a todos os fiéis, que não fossem presenciar o nosso acto de propaganda, pois, essa heresia constitua um peccado mortal. Aquella conferencia, disse o padre, era a conferencia do diabo.

Não sei se os fiéis obedeceram a ordem do reverendo, mas o que sei é que o ministro de Deus deu o exemplo fazendo-se ver, na entrada do local, muito antes de ter inico a dia o ica palestra, não abandonando o recinto até que se deu por findo o programa da nossa jornada de propaganda.

Na abertura do acto falaram, manifestando as suas simpatias pela nossa obra de regeneração social, dois amigos, Bento de Siqueira, professor publico desta vila, Cesar Galvão, inteligente joven que lhe serve de adjunto.

Entusiasmados os camaradas de Itajubi acompanharam-me até Santa Adelia e Taquaritinga, seguindo, eles, depois, para outras localidades afim de preparar mais actos de propaganda.

Em Santa Adelia os camaradas organisaram, com tempo, uma conferencia, que foi um verdadeiro successo, pelo numero publico que a ella compareceu.

Terminado o nosso trabalho tomamos o trem para Taquaritinga, em cuja cidade realisei uma palestra num cinema, gentilmente cedido... por 70\$000, que os camaradas tiveram de pagar.

Sem mais demora embarquei para Jurema. Neste logarejo observei, de relance, uma casa onde esteve instalada a escola moderna. Esta casa pertence aos simpatizantes do ensino racionalista, mas, por falta de camaradas que se interessam, ou tomem a seu cargo a obra escolar, acha-se agora funcionando ali uma escola que ministra o ensino official. De Jurema foi visitar os camaradas de Icoarana, os quaes, de comum accordo com os de Candido Rodrigues, tinham convocado o povo para uma conferencia, que, tambem teve grande êxito. Aqui, como em outras localidades, o camarada Astolfoni contribuiu com a sua palavra, inspirada pelas nossas belas ideias da liberdade, para vulgarisar á nossa obra, realisando conferencias, que deixaram nos ouvintes excelente impressão.

Acompanhado por dois camaradas tomei o rumo de Ubrada. Chegando que foi á fazenda Crespi, pasei algumas horas de palestra com os companheiros os quaes me convidaram a realizar uma conferencia no local da escola racionalista, que o professor sr. A. Gardegni se prontificou a facilitar. Feita, pelo sr. A. Gardegni, num sucinto discurso, a apresentação, dei inico á minha palestra, não descurando, ao finalizar, de criticar a obra dos partidos democraticos.

Apesar da divergencia de ideias, pois o sr. A. Gardegni é socialista parlamentarista, não surgiu entre nós nenhum motivo que pudesse produzir uma desinteligencia, o qual prova que, quando os homens são sinceros, podem perfeitamente cultivar as boas relações entre si, mesmo pensando diversamente.

Finalmente, dirigi-me para Guaririba, ponto terminal da excursão, porem os camaradas aqui residentes, julgaram conveniente que chegasse com eles á Nova America, afim de fazer penetrar ali o germen da propaganda anarquista.

O esforço feito pelos camaradas foi grande, mas, o fanatismo do povo a estupidez dos régulos, e a localidade de um delegado de policia que não sabe de que p sta é feita a Constituição Nacional, não nos permitiram semear as ideias anarquistas.

E assim que marcha a civilização destes paiz.

A este passo não tardará o dia em que os macacos apertem o nosso homem que arvera o sobrevivente pendão da Ordem e Progresso.

Esta excursão proliziu no meu animo muito optimismo, e faz-me acreditar que a nossa Guerra Social não tardará em firmar regularmente a sua publicação e que o despertar da falange libertaria, tende a intensificar os nossos entusiasmos e ás nossas satisfacões ideias.

Avantel pois.

Florentino de Carvalho

A mulher e o militarismo

Domela Nieuwenhuis

(continuação)

Houve já, em muitos paizes, moços de coragem que ousaram dizer: Não quero ser soldados, recuso servir! Isto aconteceu muitas vezes na Russia, seguindo o exemplo a Hollanda, Hungria, a Belgica, a França, a Suissa. Que succedeu? Esses jovens, pela primeira vez foram aprisionados, pela segunda vez, o mesmo, em quanto não cederam.

Na Russia, houve alguns que preferiram a morte a empanhar a espada e a carabina. Devemos aconselhar aos outros que façam o mesmo? Não, não devemos aconselhar semelhante cousa que requer forte dose de espirito de sacrificio.

Quem a julgar boa, por si mesmo a faz, e quem não se julgar capaz não a faz, ninguém poderá censurá-lo; porém não deve instigar os outros a fazel-a.

Certas propagandas de actos que requerem um sacrificio e sofrimentos não communs, só é licito faz-las pelo exemplo, dando-se prova de saber agir. Sobre tudo seria erroneo aconselhar a recusa do serviço militar a jovens que não conhecem ainda bem o mundo, e que não prevêem as consequências dolorosas dos seus actos.

Mas seria igualmente erroneo dizer que a recusa ao serviço militar é inutil e que de nada serve; quando ella é feita de plena vontade, na força de profunda convicção, ella é util e não pôde deixar de dar cedo ou tarde os seus frutos. E' claro que tal sacrificio não fructifica se é feito por um só, e depois fica isolado; mas, é necessario que um dê o começo... E quando outros dois, dez, vinte, cincoenta, cem, fizerem o mesmo, então se poderia vêr a utilidade! Não obstante, não acreditamos que tal meio possa ser posto em pratica, de um modo geral; pois que elle exige uma coragem e um caracter que não podemos esperar da maioria dos homens. Porém, seria falso dizer que taes actos não dêem em resultado um effeito moral que serve para desarraigal da consciencia o contagio militarista.

As palavras despertam o pensamento, e o exemplo atrai a acção.

Como não deveria orgulhar-se a mãe, que tivesse um filho capaz de praticar uma acção tão heroica e pura, que vai além do considerado heroismo da guerra? Chorará pelas torturas a que o filho será submetido, mas o elogiárá, pela sua coragem, pelo seu character. Mesmo os jovens que estão nas casernas poderão fazer propaganda, com prudencia e calma; e quando a ideia anti-militarista se inflammasse no seio de um exercito o que aconteceria, em um dia em que o governo o necessitasse?

Uma greve militar eis o que haveria; e para que esta bella ideia da greve geral dê resultado é necessario que se faça a propaganda em todos os paizes. Mesmo que o numero de soldados que se recusam a marchar, seja pequeno, em caso de guerra, se o exemplo fosse seguido nas duas nações beligerantes, bastaria isto para provocar uma desordem entre os dois exercitos, aniquilando assim a guerra.

Em logar de tudo, melhor seria uma guerra civil, que seria feita contra o nosso verdadeiro inimigo, o capitalismo; em vez das guerras entre os povos, que são feitas em favor dos ricos, com as forças dos pobres.

Mãis, criaí os vossos filhos de accordo com estas ideias. Esposas e noivas, insufflai aos vossos maridos e noivos. Quando vós, mulheres de todo os paizes, gritardes bem alto: — «Não queremos a guerra» ella será extintal Imitai o exemplo d'aquellas mulheres indianas, que se puseram á frente dos seus maridos para protegê-los, e vreis que será muito difficil encontrar-se um exercito barbaro, como aquelle hollandez, que praticou em tal occasião a desumanidade de matar as mulheres. Não o cremos possível, porque as forças do desespero de todas as mulheres do mundo se uniram para resistir.

Mulheres e mãis, a salvação depende de vós, a situação está entre vossas mãos. Se quereis, tudo podeis, e por isso que nós pedimos o vosso auxilio.

Se quereis unir-vos connosco para combatermos o infame militarismo, que vos arranca os filhos dos braços e despija o dinheiro que pedia servir para o sustento de vossas familias, que vos rouba a felicidade semeando por toda a parte mortes e ruinas, — nós seremos invinciveis. A força dos canhões e baionetas curvar-seá ante a vontade fortemente expressa pelas mulheres... Por isso vinda o commoco — nossas mãis, esposas, noivas, irmãs e filhas — avante contra o mais terrivel dos monstros; NEM UM HOMEM NEM UM VINTEM PARA O MILI-

TARISMO!

Façamos com que faltem para a guerra homens e dinheiro; então os grandes, os poderosos do mundo não poderão mais especular por meio deste flagello da humanidade! Sobretudo deveis cuidar de manter incorrupta a vossa força, não duvideis de vós mesmas, não deveis dizer: — «que poderemos fazer nós, deveis mulheres? «Vós podeis tudo. Uni-vos, falai umas ás outras, nos lares entristecidos pela miseria, nas officinas em que consumis vossas vidas, e com o desejo espontaneo do vosso coração sabeí dizer o BASTA formidavel contra a gula burguezia, contra a ferocidade destas patrias ignobeis que vivem do sangue e da morte dos vossos filhos.

Não vos fieis das obras, ditas pacifistas e humanitarias que ás vezes os senhores e polerosos promettem fazer, recordai-vos do czar, que recebeu applausos do mundo inteiro por ter iniciado uma conferencia internacional em favor da paz, e que pouco tempo depois provocou uma tetrica e sanguinolenta guerra.

Não é da classe elevada mas, sim da classe pobre que surgirá a paz. Os trabalhadores que produzem, somente elles realizarão a obra da pacificação, porque desejam a paz, enquanto aquelles que possuem, se não hoje, amanhã, terão interesse em querer a guerra.

O trabalho e a guerra estão na mais aguda opposição entre si, o que o trabalho produz a guerra o destroz. Pois bem os trabalhadores não devem mais admitir que a guerra destrua o que foi por elles produzido, com enormes fadigas.

Por isso, mulheres, entrai para as nossas fileiras, incitai os vossos maridos, filhos, irmãos, noivos, amigos a augmentarem o numero e a consolidarem as forças dos nucleos revoltados que fazem a guerra santa, contra a guerra. Por um sentimento mal entendido, não afasteis os vossos caros da luta humana, que nos fazemos; dai-lhes coragem para que possam unir-se a nós e uni-vos tambem.

Dizem que as mulheres espartanas, corajosamente ferozes, estafetas incitaram seus maridos a correrem para a guerra; vós deveis fazer o contrario, incitai-os a uma acção proveitosa e salutar contra a guerra e o militarismo. Assim, somente assim, podeis contribuir para o triumpho de um futuro melhor, o qual será beneficio para todos, na liberdade e na paz.

O "caro" sr. d'Atri

500\$000 por mez

Esse sr. Alessandro d'Atri, que por ahí esteve a fazer conferencias no Theatro Municipal, precedidas pela execução do hymno nacional, — quanto descarol! — nunca passou de um insignificante picareta.

Como o dr. Antonio Piccarolo, que, para manter nesta capital a sua «Revista Coloniale», recebe mensalmente 1:000\$000 por conta da Secretaria da Agricultura, o sr. d'Atri abiscoita... 500\$000 para viver em Paris á nossa custa ou, o que dá no mesmo, á custa de uma revista qualquer.

La está no «Diario Official» o pedido de pagamento da referida quantia ao alludido «cavador». Nem ao menos se menciona o nome da publicação, o que significa que elle pertence á classe dos «jornaes fantasmas», bem conhecida dos parizienses...

(Dal «O Combate» del 18 Settembre).

Abbiamo riprodotta integralmente la notizia sopra trascritta... perchè venendo da un giornale brasiliano e da persona che conosce bene le cose di cui scrivono... non si dica che siamo noi ad inventare titoli d'indipendenza di carattere per certe illustrazioni del patriottismo coloniale nonchè alleato.

Come il signor Antonio Piccarolo, nell'«Estado de S. Paulo» e per ristampa su altri giornali e sulla sua diffusissima rivista, così il signor d'Atri, in Parigi sulla sua assai nota (a chi?) pubblicazione, quando si lavorò dal governo dello Stato e dell'Unione e da alcuni intellettuali banchieri ed armatori italiani, per stabilire l'immigrazione sussidiata, la tratta dei bianchi, sessente, patriotticamente, la... navigazione diretta...

Ed eccovelo oggi tutto commosso a lacrimare sulle sventure del popolo belga ed a sorridere celestialmente sul futuro luminoso d'Italia, eccovelo come gli altri che gli rassomigliano, prendere la parola in difesa dei nobili ideali...

Chi lo paga i spende proprio bene i propri denari o quelli del pubblico minchione.

D'Atri, Piccarolo, passate alla casa e... viva l'Italia, gli alleati, la democrazia...

Musical

(RIESUMAZIONI)

Poco a poco (*)

La gente grassa, i soddisfatti della Italia una, i padroni arricchiti dicono che per tutte le cose ci vuole il tempo, che bisogna fare un passo dopo l'altro, e che per la via del progresso bisogna camminare poco a poco.

Non fate la smorfia, compagni, che non è di tal gente che vogliamo occuparci. Con essi abbiamo un vecchio conto da aggiustare nel tempo e nel modo che voi ben sapete. V'ha però una certa gente che non è d'accordo certamente con gli sfruttatori, ma apprezza altamente l'economia politica; non soffre per la fame ed un duro lavoro quotidiano, ma si occupa di scienza sociale; non approva l'organizzazione repressiva della società moderna, ma non vuole in alcun modo compromettere le conquiste dell'attuale civiltà, gente erudita, sovente, e di profondo pensiero, che si lascia assolutamente guidare dal freddo e spassionato ragionamento che non soffre né palpito di cuore, né afflusso di sangue alla testa, che nella serena atmosfera del proprio gabinetto sa trovare fra i problemi di economia sociale e le cifre della statistica quello stimolo moderato allo operare, o quella onesta soddisfazione dell'umano contento nei risultati della opera propria. Di simili tipi se ne vedono talvolta anche tra noi sotto l'indeterminato appellativo di socialisti.

Sono socialisti infatti, ma solamente per imporre al socialismo il contrappeso dell'economia politica, o costringerlo a camminare a poco a poco. In Italia, dove tal morbo è importato, — e più che di terza e quarta mano, — gli esemplari che ne abbiamo, senza i meriti scientifici, e la sincera convinzione dei loro tipi originari, e con tutti i difetti di quelli verso i quali tendono — i borghesi — sono completamente impotenti.

E' di questi che qui diciamo. Sotto la forma del movimento puramente economico per arti e mestieri essi altro non predicano che la moderazione. Hanno bisogno di tempo perché nessuno dei fenomeni industriali della epoca moderna stugga alla loro sagacia, persistente e minuta osservazione. Giornalisti di mestiere, che trovarono il socialismo abbastanza sfruttabile, si mettono volentieri a disposizione di questi nuovi apostoli della moderazione, della conciliazione e dell'equivoco. L'umanità frattanto soffre profondamente. Il lavoratore che tutto produce è privo di ogni mezzo di vita. La nostra propria miseria, e quella ancora più straziante dei nostri fratelli, forma l'ambiente nel quale siamo condannati a trascinare la nostra triste esistenza. L'onda ardente che invade ogni nostra fibra e che ci spinge irresistibilmente verso altri esseri umani, s'infrange contro l'indifferenza e tutti gli ostacoli che la prescelta civiltà oppone al libero esplicamento delle umane facoltà. Sanguina il corpo e sanguina il cuore. L'umana natura è iniquamente conculcata.

Ma che perciò? I savi non cessano di ripeterci: « Poco a poco. Bisogna fare le organizzazioni di mestiere, formare le casse di resistenza, onde lottare per l'aumento dei salari e diminuzione delle ore di lavoro ». Né vale dimostrare loro che un tale aumento, ancorché ottenuto, a nulla approderebbe, dovendo avere per risultato un conseguente aumento nel valore dei prodotti necessari alla vita. A nulla vale presentare loro l'esempio dell'Inghilterra, il paese classico delle unioni di mestiere, dove la lotta per le ore di lavoro e sui salari ha potuto perpetuare il movimento operaio, rendendolo in pari tempo stazionario ed innocuo quanto un giuoco da fanciulli. I savi ripetono sempre: Poco a poco.

E ne hanno ben donde. Che se no cosa diventerebbero mai essi ed i loro giornali? Per essi il campo dei fecondi studi e delle profonde osservazioni dei fenomeni della vita industriale sarebbe chiuso. Per i gazzettieri il mezzo di far quattrini sarebbe anche svanito. Addio vanità, allora, addio ambizione degli uomini gravi della moderazione, professori da dozzina, dottori improvvisati, che mirano solamente ad eternare la grande questione, solo per aver l'agio di poterla ampiamente esaminare e discutere sino alla consumazione dei secoli. Come i vecchi borghesi nell'interesse del loro capitale, così questi fannulloni, nell'interesse della loro pretesa scienza, altro non fanno che sforzarsi a rattenere l'umanità nel suo presente stato di convulsione. Essi temono la rivoluzione popolare che verrà a smentirli, ed ansiosamente si sforzano di allontanarne la data. Trovando la soddisfazione delle proprie aspirazioni nello stato di presente miseria, essi finiscono per diventare, spesso senza volerlo, profondamente egoisti e malvagi, pessima gente dall'aspetto amico, ma dal cuore perfido.

Dicendosi socialisti, essi sono più pericolosi dei dichiarati nemici della causa popolare. Il governo che ci attacca e ci perseguita, ci spinge sempre più decisamente sulla via della rivoluzione: mentre essi col loro poco a poco cercano addormentarci nella miseria e degradazione.

In guardia, adunque, compagni, essi sono i nostri più pericolosi nemici.

ANDREA COSTA

(*) Questo scritto fu pubblicato, come articolo di fondo, nel giornale « Il Martello di Jesi, Giornale Socialista, organo della Federazione Marchigiana-Umbra dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori », n. 12 del 19 novembre 1876. Questo giornale fu fondato d'accordo tra socialisti e repubblicani di Fabriano, ma dopo cinque numeri i repubblicani si ritirarono e rimasero solo i socialisti. A Fabriano se ne pubblicarono undici numeri, a Jesi due; poi su i primi del 1877, fu trasportato a Bologna, affidato alla direzione di Andrea Costa.

Occhio alla caserma!

V'è per alcuni, una propaganda antimilitarista che si richiama al pacifismo puro e semplice e si alimenta di considerazioni cristiane. Sinceramente una tale propaganda non può essere la nostra.

Poiché il pacifismo è una grande e bella cosa, ma resta un'aspirazione campata nell'astratto, quando non presuppone un'avvenuta, o voluta, armonia d'interessi; cioè, la conciliazione raggiunta, perché resa possibile; ogni grave causa di contesa eliminata, non solo tra le nazioni, ma pur dentro la nazione.

Si può essere antimilitaristi nel nome di Gesù Cristo; noi però dobbiamo esserlo per la libertà nostra, per il benessere nostro. Due condizioni di vita, indispensabili, ma che ci sono violentemente conculcate e che bisogna conquistare, ripudiando appunto quel pacifismo che si compendia nella rassegnazione e che contro il male non sa predicare ed opporre altro se non la resistenza passiva, cioè, vana; vana nel gesto e nel sacrificio. Giù le armi!... Abbasso le armi!... Sta bene. Ma chi brandisce le armi, le tiene strette.

E' non bisogna dimenticare che allo Stato ed alla Borghesia non ostante segui più intensa la propaganda per la diserzione, resteranno sempre migliaia di uomini; centinaia di migliaia di uomini in armi da muovere a proprio capriccio, per le guerre di fuori e per quelle dentro i sacri confini.

Uomini incoscienti, mercenari, professionisti, illusi, o convinti di difendere il buon ordine che li paga, i quali in un dato momento saranno armati contro noi e su i quali l'effetto morale di una barricata potrà ottenere un risultato ben diverso da quello che noi speravamo; — uomini i quali si potranno sconfiggere solo opponendo loro altri uomini armati ed agguerriti.

Non vorremmo che ci si fraintendesse, magari per calcolo. Noi, non sosteniamo la conquista della caserma: il militarismo va combattuto nelle sue forme e nella sua sostanza.

Per L'Internazionale Anarchica

Congresso anarchico in Italia

Che i compagni d'Italia, da più mesi, si adoperassero per organizzare un convegno nazionale, preceduto da convegni locali o regionali, sapevamo, ma in questi ultimi mesi, cioè, da dopo che al ministero è salita a bardiere spiegata la repubblica ed anche un bel po' di socialismo, ci sono venute a mancare le poche informazioni che bisognava leggere ed indovinare su i giornali nostri che si stampano ancora costantemente imbiancati dalla censura.

Da due mesi non riceviavamo, sebbene ci sia regolarmente spedito il « Libertario » di Spezia; il « Risveglio » di Genova ci manca da sei mesi, e sull'« Avvenire Anarchico », di Pisa, un lungo articolo che non abbiamo letto sul congresso anarchico, è stato ristretto dalla censura al solo titolo.

Lettere poi, è... inutile parlarne. La libertà è... la libertà e con essa non si scherza mica, specie quando la tengono a balia le nazioni alleate per la difesa dei grandi principi della rivoluzione dall'89 e per abbattere la tirannia... degli imperi centrali.

Cosicché siamo, per in quanto, ridotti, in attesa che per un lungo... giro intercontinentale ci pervengano più precise notizie, a riprodurre, dall'A-

No, noi dobbiamo affaticarci attorno al cittadino perché non vada soldato; ma se la forza delle circostanze, l'illusione, o quello che volete, renderanno nulla o insufficiente la nostra azione preventiva, noi, dovremo con lo stesso fervore, anzi con più tenacia ed ineresamento, stringerci al cittadino chiamato sotto le armi ed affratellarlo a noi. Domani forse esso sarà chiamato a spianare il suo fucile contro quella massa da cui è uscito ed alla quale ritornerà;... se davanti a sé, in prima fila troverà i suoi amici, i suoi fratelli, coloro che non l'hanno dimenticato e non l'hanno disprezzato per la sua divisa militare, può darsi che sull'incubo della disciplina, prendino il sopravvento altre considerazioni e che desso, il cittadino soldato, da noi persuaso ad una morale ben diversa da quella dei superiori, anziché sulla folla, su quelli spiani il suo fucile.

Vogliamo dire soltanto che sarebbe grave errore, imperdonabile errore, dimenticare la caserma, svolgere tutta la nostra azione, tutta la nostra propaganda, fuori della caserma, scorrendo subito nel cittadino vestito da soldato un nemico.

La propaganda antimilitarista fino ad ora ha dato risultati ben meschini, nulli quasi e tutte le energie impiegate per fomentarla, sostenerla, possono essere incluse nel passivo della causa rivoluzionaria... E questo perché abbiamo trascurato quello che dell'antimilitarismo doveva essere lo scopo precipuo: il sovvertimento del soldato. Ma quello che ieri non si è fatto, o si è fatto male, siamo sempre in tempo a farlo meglio.

Gli onanisti della democrazia cantano il ritornello solito, cioè, che la conflagrazione europea, per il volere degli alleati, segnerà la fine del militarismo... prussiano; la realtà della vita, l'osservazione dei fatti quotidiani, provano invece che il militarismo dalla guerra attuale escirà rafforzato e generalizzato.

Infatti il servizio militare obbligatorio, provvisoriamente (!) è entrato già in vigore nella libera Inghilterra che del soldato aveva il concetto che si ha dei bravi che si assoldano per le tristi imprese.

Ed i più liberi Stati dell'Unione Nord-Americana sono anch'essi in fermento per ottenere l'organizzazione di una milizia nazionale, milizia di leva, senza la quale non si potrà occupare il Messico... tenere in scacco il Giappone, ovverossia... difendere la causa della pace e del pacifismo.

E che diremo del Brasile a cui un poeta, stipendiato dal governo, va cantando la storiella della difesa della patria in pericolo per organizzare un'esercito senza il quale domani non sarebbe possibile fare la guerra per imporre la pace ai vinti?

No, il militarismo non è in via di scomparire: esso si rafforzerà dovunque, si rafforza anzi, dovunque e specialmente contro i nemici interni, poiché la guerra civile sarà la conseguenza inevitabile dell'attuale stato di cose... e noi che fatalmente ci troviamo essa coinvolti, noi che dovremo occupare i posti d'avanguardia, noi dobbiamo pensare oggi a plasmare l'anima di quello che domani troveremo armato, e delle armi più micidiali e perfezionate contro noi, per ordine dei superiori: l'anima del soldato!

PAOLO BUONASPADA

I Rappresentanti e gli aderenti RAVENNA, 12.

« Ha avuto luogo a Ravenna, nei giorni scorsi, un convegno di comunisti anarchici di tutte le regioni d'Italia, allo scopo di creare una intesa fra tutte le sparse forze dell'anarchismo rimaste sul terreno internazionalista e proletario.

Erano rappresentati e aderenti gruppi o federazioni delle seguenti località: Bologna, Ravenna e Ville Unite, Piacenza, Firenze, Napoli, Torino, Milano, Genova, Spezia, Pisa, Piombino, Terni, Vicenza, Venezia, Carrara, Ardenna e Livorno, Sestri Ponente e gruppi Liguri, Roma e organizzazioni del Lazio, Santa Croce sull'Arno, Ferrara, Pesaro, Parma, Modena. Erano pure rappresentati e aderenti le redazioni dei giornali anarchici esistenti; non mancarono aderenti, individuali, intervenuti espressamente.

Avevano pure mandate lettere di adesione i più noti pubblicisti dell'anarchismo. La riunione si è occupata specialmente della politica di attualità. Da un sommario riferimento fatto dai rappresentanti delle varie provincie è risultato che in realtà le forze anarchiche d'Italia sono tutte rimaste fedeli al principio della solidarietà internazionale e non hanno defezionato al guerraiolismo, e la gran massa dei proletari anarchici conserva intatta la sua fede nei principi dell'anarchismo internazionale, senza che nessuna influenza abbia esercitato su di essa il rinnegamento di pochi elementi confusionari e dissolventi che, o non ebbero mai prestigio alcuno sul movimento, o non passarono all'anarchismo che per un breve periodo di esercitazione retorica e sportiva.

Per le vittime della reazione

Dopo una breve relazione di un rappresentante del gruppo Covelli di Bologna, promotore del Convegno, circa gli scopi del Convegno medesimo, viene votato il seguente ordine del giorno:

« Il Convegno anarchico italiano manda un saluto di solidarietà a tutti i compagni e a tutti gli agitatori che per cagione delle loro ideologie rivoluzionarie hanno sofferto le persecuzioni degli Stati borghesi. Ricorda i compagni militanti tedeschi Pierre Ramus e Paul Schjorring condannati al bagno penale per la loro agitazione contro la guerra; ricorda Pierre Monatte perseguitato dalla reazione francese, manda un saluto particolare a Sebastian Faure, a Luigi Bartoni, ad Enrico Malatesta, a quanti pongono la forza del loro pensiero e del loro nome contro i traditori della causa rivoluzionaria ».

La discussione

sull'Internazionali mo

Ha avuto quindi luogo un breve esame di principi su l'internazionalismo e tutti i convenuti hanno concordato nelle idee già espresse dai giornali anarchici di prima e durante la guerra e su questo argomento si delibera la compilazione di una dichiarazione di idee sulle questioni più importanti di attualità, che serva anche di risposta ai cosiddetti intellettuali di Francia. Si è deliberato inoltre di stabilire con gli anarchici delle varie nazionalità (cominciando da quelli della Francia perché in Francia è più attiva e appariscente la degenerazione dei rinnegati e l'opposizione dei rimasti fedeli ai principi) delle relazioni continue, anche in vista di una prossima futura azione comune.

Venne anche deliberato la nomina di un Comitato d'azione internazionale che rappresenti e coordini le iniziative e le energie del movimento anarchico italiano, perché ciascuno trovi nel suo sviluppo l'aiuto degli altri.

Per conseguenza a questo Comitato veniva conferito l'incarico di compilare la dichiarazione suddetta, nonché di armonizzare il pensiero comune in rappresentanza della collettività, nelle circostanze in cui gli anarchici debbano parlare ai compagni, agli avversari, ai nemici, su la questione della guerra e dell'Internazionale e di naturalmente senza pretesa di sopprimere le manifestazioni di pensiero indipendenti, personali o di gruppi.

Contro i mestatori del movimento operaio

Dopo lunga discussione sul movimento operaio, udite le dichiarazioni, tutte favorevoli in genere all'azione degli anarchici nel movimento operaio, nel senso dell'azione diretta, si manda un plauso alla lotta dell'U. S. I. contro i rinnegati del parmensi e si delibera che contro gli intrighi politici di questi mestatori che trascinano nella politica borghese le organizzazioni operaie, i compagni debbano

fare ogni sforzo possibile non solo di critica, ma di azione contro ogni dittatura. Ai compagni lavoratori dei posti del parmensi, del ravennate, di Milano, di Ancona, ecc., di fare il loro dovere.

Per precisare

l'atteggiamento anarchico

Perché l'atteggiamento anarchico di fronte alla guerra non venga confuso col pacifismo, i convenuti furono concordi nel richiamarsi alla propaganda fatta prima dell'intervento italiano, nel senso che neppure il più forte desiderio di pace deve far dimenticare che la pace che sarà conclusa prima o poi dagli Stati non sarà mai la pace vera nell'uguaglianza e nella libertà voluta dagli anarchici.

I rapporti col Partito socialista

In quanto al contegno verso gli altri partiti, deve continuare l'ostilità più battagliera contro i partiti borghesi tutti, compresi quelle piccole frazioni che cominciano ad atteggiarsi a pacifiste. Anche verso il Partito Socialista, malgrado il suo contegno simpativo attuale, devono gli anarchici rimanere sul terreno dell'intransigenza, il convegno respinge ogni idea di blocchi più o meno rossi. Solo si ritiene necessario che nelle polemiche con questo partito si cerchi — dato il momento — di mantenere la discussione nella maggiore serenità e aliena da inutili asprezze di linguaggio, senza trascurare delle relazioni di buona vicinanza con gli elementi più affini.

Per la futura internazionale, gli anarchici pensano che tutti i tentativi sul terreno operaio ed estraborghese di riallacciare i rapporti internazionali, se ispirano simpatia, se sono utili da un punto di vista morale ed umano immediato, sono destinati a far fiasco o a preparare nuovi amari disinganni per l'avvenire se non si baseranno sul riconoscimento del diritto di cittadinanza nella nuova Internazionale a tutte le correnti di pensiero e d'azione operaie, socialiste e internazionaliste; e se essa non avrà un carattere più libertario e più rivoluzionario.

Sebbene il «Fanfulla» faccia salire gli intervenuti alla manifestazione, con tanta cura organizzata da parecchie cricche di speculatori sul patriottismo, a diecimila (bum!... bum!) noi che in qualità di curiosi abbiamo assistito allo sfilare del corteo... variopinto e che ci siamo per breve momento trattenuti anche nella non tanto poi vasta sala dell'Apollo, mettendoci tutta la buona volontà e mettendo nel conto gli alleati, i neri, e come diceva un maestro... italiano *as crianzas*, e le femminelle, potremo concedere dalle tremila alle tremila e cinquecento persone accorse per ragioni diverse ad ammirare la cuticagna del Bertoldino oratore coloniale.

E siamo generosi.

Come avanti è stato scritto non si ebbero dimostrazioni in senso opposto: furono però distribuiti dei manifestini, tra i quali alcuni a firma: *i socialisti italiani*.

Un gruppo di compagni fin dal giorno 22 curava l'affissione e la distribuzione di alcuni manifestini sintetici e che esprimevano il nostro pensiero non solo sull'oratore, ma pure sul concetto stesso della dimostrazione e riaffermavano la nostra fede in un'umanità liberata dai ceppi che la dividono in patrie.

Il nostro manifestino fu anche molto commentato in alto luogo...

Di episodi eccezionali registreremo solo l'entusiasmo delle gentildonne della Pensione Royal, sotto le cui finestre la musica degli alpini (che sull'alpi non andranno neppure se ve li trascinano con i buoi) s'intrattenne a suonare l'adattatissima Marcia Reale.

Le già mature ragazze dalle finestre mostravano tutta la loro gioia e qualche altra cosellina gridando: Viva l'Italia!

Molte gentildonne di genere diverso erano nel teatro già da tempo. La nobiltà coloniale si era affrettata a prendere i migliori posti, mandando in giro per le strade, sotto la canicola, i poveri ragazzi delle scuole...

Di quanto uscì di bocca all'oratore non vale poi la pena occuparsene: è roba da lui stesso in questi ultimi tempi scritta e riscritta e che da mesi si va leggendo su tutti i numeri speciali che si pubblicano per ottenere della *reclame* dagli alleati.

Il militarismo è la piaga sanguinosa della Società moderna, è il prolungamento dello stato selvaggio e la continuazione — con l'aggravante di una organizzazione sapiente — della barbarie grossolana dei tempi primitivi.

CARLO RICHTER.

Ante a vindicta Publica

Denuncio o Caluniador, Difamador e Delator Policial
Teodoro Monicelli

Todos os que estudaram a historia do movimento social, ou militararam durante muito tempo entre os elementos subversivos, sabem que, sempre e onde os anarquistas, procedendo em concordancia com os seus principios de liberaçao, vieram, pela tribuna ou pelas colunas da imprensa evidenciar a superioridade das suas ideias e analisar as doutrinas e os metodos de açao dos partidos que se disputam a posse do trono governamental, os politiquinhos de profissao, de todas as escolas e matizes, vendo-se reduzidos a expressao mais simples pela formidavel logica do pensamento anarquico, apelaram para a calunia e a difamaçao, ou para a delaçao ás autoridades, afim de se virem livres destes «impertinentes» vozeiros da verdade e da justiça, que se ocupam em desvendar as simulações e os embustes dos charlatões que param, por atacado, para induzirem as massas populares a forjarem continuamente as algemas da propria escravidao, representadas pelas instituicoes politicas e economicas que nos aniquilam.

Hoje verifica-se, aqui, esse processo iniquo, contra os anarquistas que mais de perto correm o veio da chicana politica e da farça eleitoral. Teodoro Monicelli, expoente de um pretense partido politico parlamentar, que por ironia se denomina socialista, propoz-se fazer do seu partido um exercito «kolossal...» pelo numero de eleitores, para conquistar... as cadeiras do parlamento!

Mas entendeu que, para transformar em facto esta utopia, era preciso remover uma dificuldade: a açao anti-eleitoral dos libertarios, que aconselham o povo a fazer justiça pelas suas proprias mãos e a não esperar nada dos parasitas que vivem uma vida de principes, á custa do dinheiro que, mediante leis e decretos conseguem extorquir ao povo trabalhador. Monicelli assanhou-se especialmente contra a minha pessoa e, com a pericia que o caracteriza nos trabalhos de difamaçao solapada, tentou eliminar-me do movimento libertario:

a) esforçando-se por atrair sobre mim a desconfiança dos subversivos, até que estes me expulsassem das suas filas;

b) delatando-me ás autoridades, para que estas me persigam.

Para alcançar o primeiro escopo, Monicelli declarou pelas colunas do *Avanti!*, por occasiao do comicio do Cambuci, que eu agia de acôrdo com a policia e que os outros anarquistas que ali se achavam eram meus capangas.

Nessa tremenda açao Monicelli foi secundado por João Scala.

Chamados á responsabilidade pelo nosso organ *Guerra Social*, exigindo-lhes uma comprovaçao ou uma retrataçao da açao publicada, meteram a viola no sacco e, mais tarde, continuaram a conspirar e caluniar entre bastidores.

O director do *Avanti!* alegou não ter sido ele quem me acusou de espião de policia, mas foi surpreendido em flagrante embuste, porque comprovou-se que andou espalhando pelas diversas localidades do interior, que Florentino de Carvalho é um *mezzo polizotto*.

Chamado novamente á responsabilidade, em vez de precisar e comprovar as suas açoes, tece uma nova serie de calunias e monstruosas insinuações.

Aludindo á minha actividade na propaganda, que qualifica de violenta, diz:

«Caso strano egli si limita a parlare. Quando invece c'è da porre in pratica le sue proposte, Florentino de Carvalho gira al largo, non ci si trova mai. Questo suo contegno generò sospetto prima che in noi negli stessi suoi compagni, i quali ora per convenienza o per omertà possono negarlo».

«Ciò potrebbe dipendere da uno squilibrio fra il suo desiderio ed il coraggio personale. Così il sospetto non può essere basato, e non lo è, sulle ingiurie che que'l'uomo muove sistematicamente contro i socialisti, perché ciò potrebbe essere anche prodotto dalla ignoranza e da settarismo e non da disonestà».

Ma i motivi che generano il sospetto e lo ingigantiscono sono altri e quei motivi li ebbi già a dirli a degli anarchici di San Paolo e specialmente a Gigi Damiani».

Quaes são, pois, esses motivos? O caluniador nada responde, por que taes motivos existem somente nas suas perversas intenções. Ele fala de

graves motivos para impressionar... A proposito dos «motivos» o nosso gladiador da difamação, nada disse a Damiani nem a qualquer anarquista.

Dando redea solta aos seus impetos de vingança e de difamação, Monicelli escreve:

«Ma chi è costui? Ecco la domanda che io, come altri prima di me, mi sono rivolto. Chi è questo insultatore, questo provocatore, questo terribile e fiero restauratore del vero sovversivismo paulistano?»

E quando io e altri, ci siamo informati di lui chiedendo di lui prima di tutto ai suoi stessi compagni, e quando abbiamo tolli alcuni veli che coprono il mistero della sua situazione, allora perdo, siamo venuti a scoprire COSA che dà ripugnanza ai nostri sentimenti e ci siamo convinti che Florentino de Carvalho è elemento equivoco nel movimento sovversivo di San Paulo, perchè le sue origini e la sua condotta in confronto ad alcune sue personali circostanze, danno ragione di gravissimo sospetto sulla sincerità dell'opera che va compiendo e sui fini che egli si propone».

Que coisas descobriram? Tambem sobre esta insinuaçao nada menciona.

Somente a fallacia de um perverso capcioso pode urdir semelhantes infamias e fazer da calunia a melhor arma de combate.

Monicelli é um astuto.

Lança insinuações infamantes e calunias comprometedoras e, depois, trata de escapar á responsabilidade, á comprovaçao, negando-se a fazer luz sobre o equívoco, dizendo, com o maior desembaraço, que são os anarquistas os que devem fazer todos os esclarecimentos:

«Accettino os anarquistas, l'unica via di soluzione che è aperta alla questione e facciamo luce sull' equivoco».

Ma fino a quando invece di chiarire l'equivoco e di cercare la verità, essi dell'uomo sospettato con tutta ragione, ne faranno il loro portavoce e gli affideranno incarichi delicati quasi ad incoraggiarlo nell'opera di provocazione che compie contro di noi, non sperino gli anarchici che noi possiamo inchinarci riverenti ed ammirati del loro modo di intendere il dovere verso quell'onestà politica che pretendono sia venuta meno in noi».

«Ma gli anarchici non possono ora e mai pretendere che i socialisti superino le ripugnanze più vive e sentite per chi nel movimento sovversivo è elemento equivoco e non dà affidamento di onestà».

Ad ogni modo, amici o avversari, chi ci si mette a lato o di fronte a noi non deve tenere la visiera calata.

Abbiamo il diritto che tutti sappiano chi sono i nostri avversari, come domani vogliamo sapere con chi potremo intenderci in un patto di alleanza contro il nemico comune».

O caluniador e difamador empregou todo o seu genio para induzir os anarquistas a fazerem suas as pretendidas desconfianças por ele inventadas, e se dedicassem a investigar a minha vida de homem e de propagandista libertario e tornassem publicas as circunstancias que esse desclassificado julga possam comprometer-me, caindo na esparrela de representarem o triste e repugnante papel de delatores.

No intuito de apressar os anarquistas a procederem segundo estas suas indicações, ele lamenta-se dizendo:

«Da troppo tempo si sperdono energie preziose in un litigio vergognoso mentre siamo pressati da altre incombenze più utili e doverose».

Nós, os anarquistas desafiamos, diversas vezes, Monicelli a provar as suas açoes e insinuações, que já são do dominio publico, ou a publicar um desmentido formal.

Ao primeiro desafio lançado, ha varios mezes, por «Guerra Social», respondeu com o silencio...

Ao segundo, saiu-se com a seguinte resposta:

«Guerra Social vuole ora che si rendono publici quei motivi, ma Guerra Social lancia una sfida sapendo che noi non possiamo accoglierla».

Porque motivo não podem acolher este desafio, sendo tão facil publicar tudo quanto quizerem, tendo um jornal á sua disposiçao e as colunas da *Guerra Social*, se as precisarem para este fim?

Ao terceiro desafio, o mencionado heroe da calunia tratou de dar as de viltá digo dizendo:

«E' comodo invitarmi a far pubblico quanto ho già dichiarato che non può esse argomento di polemica e Flo-

rentino de Carvalho giuoca a mosca cieca reclamando da noi quanto meglio di noi egli sa».

Eu, em relação ás acusações e insinuações infamantes difundidas por Monicelli e Scala, só sei que estes dois individuos são capazes de todas as vilanias e das maiores infamias.

Estas tres respostas de Monicelli são a demonstração cabal e evidente de que o acusador, caluniador e difamador nada pode precisar, provar, documentar.

Ele acusou-me de espião policial, e diz não poder esclarecer esta açao porque afirma existirem circunstancias que me podem comprometer com a policia.

Como! Então eu sou espião de policia e existem circunstancias que me podem comprometer com a propria policia?

Semelhanete contradicção não cabe em nenhum cerebro equilibrado.

Alem disso, se Monicelli sabe, desde algum tempo, que eu estou ao serviço da policia, não devia ter compaixão de mim, devia ter denunciado e provado qualquer açao minha que pudesse ser prejudicial para a causa da emancipação humana. Com os espiões não se deve ter contemplação alguma.

Eu estava e estou tranquilo ante as caluniosas difamações do velhaco que aqui governa um grupo de simpatizantes do socialismo politico legalitario, e faz do seu orgao, o *Avanti!*, um veiculo de provocações e discórdias, de calunias e delações contra os anarquistas.

A minha tranquilidade basea-se não somente na convicção de ter observado sempre uma conducta da qual não posso envergonhar-me, mas basea-se tambem no facto de existirem aqui muitos camaradas que convivem comigo ha muito tempo, alguns dos quaes me conhecem, dia a dia, desde a minha infancia.

Monicelli e Scala são dois tipos amoraes, indecentes, que se esforçam por desmoralisar, pela calunia e pela difamação aviltante, os anarquistas, e matar os orgaos de publicidade e outros elementos de propaganda libertaria.

Mas isto ainda não é tudo. Existem casos mais graves, mais odiosos.

Teodoro tentou ferir-me com uma espada de dois gumes. Um já é conhecido dos leitores e, convem que conheçam o outro.

Na esperança de que a policia encontrasse algum motivo para perseguir-me, o caluniador insistiu em que os anarquistas levantassem publicamente o veio da minha vida de propagandista, e não satisfeito com isso, publicou nas colunas do *Avanti!* as seguintes insinuações que o certificam como delator.

«In ogni riunione Florentino de Carvalho avanza la proposta di azione rivoluzionaria immediata e tratta di borghese chi non accetta a tamburo battente le sue proposte».

«Ognuno capisce che sarebbe stolido muovere sospetto, e sospetto di tal genere, contro un uomo, solo perchè costui propone semp e la rivolta».

Não é admissivel que estas palavras fossem escritas obedecendo á ignorancia sobre as consequencias que delas podem advir, mormente tratando-se de um individuo traquejado nestas questões, como está o Monicelli, que sabe perfeitamente o prejuizo que podem causar á pessoa que pretende atingir.

Somente um delator, ou quem, por vingança queira auxiliar a policia, mediante remuneraçao ou gratuitamente, pode fazer publicações desta indole.

Não sou eu: Os factos, os documentos, são os que accusam Teodoro Monicelli de talaz caluniador, de contumaz difamador, de asqueroso delator policial ou *MEZZO POLIZOTTO*.

Que cada qual julgue estes casos segundo o seu criterio e proceda conforme á sua consciencia.

FLORENTINO DE CARVALHO

IL compagno Florentino de Carvalho nell'entrante settimana per conto di *Guerra Social*, riprenderà l'interrotto giro di propaganda. Dal ramal di Pirajù e Campos Novos, scenderà fino a Baurù passando in seguito sul ramal di Jahù. Indicheremo più tardi quali altre zone percorrerà poi.

Crediamo superfluo raccomandare ai compagni il massimo impegno nell'or-

ganizzare pubbliche conferenze, specialmente in località nuove ad ogni propaganda.

Procurino anche, i nostri compagni, di facilitarli il compito della riscossione e questa fare in modo che riesca proficua. Ci aiutino anche con soltoferizioni a superare le spese di così lunghi viaggi.

Corrispondenze

ITAJUBY

Concedetemi un po' di spazio per bollare a modo, come meritano, questi padroni italianissimi, pidocchii rifatti, esosi sfruttatori del colono.

In questa località in breve tempo abbiamo avuto tre casi, di padroni italiani che il colono italiano dopo mesi ed anni di fatica intendono di pagare con insulti.

Però l'ultima sopraffazione non è riuscita loro, come sempre; poichè il fatto venuto a cognizione di alcuni amici nostri, questi s'imposero e fecero in modo che il colono venisse pagato.

Questo colono per ben tre anni si era affaticato a formare il *cafezal*, ma appena questo cominciava a dar frutto, lo schiavista cominciò con le minacce e gli insulti e col dire che lo avrebbe messo fuori senza dargli un baiooco.

Non faccio nomi... perchè da Taquaritinga a Rio Preto, sono tanti e tanti i coloni turlupinati così infameamente e tanti i padroni che fanno lavorare per degli anni a furia di belle promesse, ricusandosi anche di sottoscrivere qualsiasi contratto. Naturalmente i coloni che considerano il padrone sempre un essere superiore a loro credono alla sua parola e lasciano correre.

Ma dopo che il bosco è stato dissodato, quando il *cafezal* comincia a rendere, il padrone si rimangia le fatte promesse ed il colono, abituato alla rassegnazione, se ne va per paura di peggio.

E' perciò necessario che i coloni si affrettino a porre mente agli interessi loro: in altre zone certi fatti non si verificano più perchè i coloni hanno saputo imporsi e non lavorano senza contratto.

Vero che il contratto vale fino ad un certo punto perchè le autorità quasi sempre si collocano dal lato del fazendeiro e più questo è ricco e più quelle dipendono da questo... ma è sempre una prova della malafede dei padroni, contro i quali solo reagendo energicamente v'è modo di farsi ragione.

E per reagire energicamente, o coloni, è necessario che vi uniate.

Invece quando venite in paese a fare i vostri acquisti ed a prendere le corrispondenze, anzichè della vostra miseria, delle vostre condizioni, vi preoccupate a parlare di guerra e di patria e vi entusiasmate perchè il *Fanfulla*, fa da un caporale e quattro soldati italiani, prendere prigionieri duecento soldati austriaci.

E voi credete che tutte quelle storie li vi rialzino di valore, ma il fatto è che voi guadagnate oggi che il caffè viene venduto fino a 12\$00 il sacco quanto guadagnavate ieri che lo si vendeva 6\$000, con l'aggravante che ora la vita costa quattro volte di più... Così mentre vi occupate dei nemici austriaci che sono lontani, vi lasciate spogliare e derubare dai nemici che vi sono vicini e non riflettete che sono appunto i padroni italiani, quelli che l'Italia e la guerra hanno sempre in bocca, quelli che peggio vi trattano, quelli che tendono tutte le vie per cacciarvi fuori dal *cafezal* da voi altri dissodato.

Svegliatevi, o coloni, e pensate a voi, al pane per i vostri figli, alla vostra libertà. I nemici vostri, i nemici di chi lavora sono i padroni di qualunque paese ed i governi di tutte le nazioni che dovunque sono sempre pronti a difendere, contro l'operaio, la causa del padrone.

Coloni, lavoratori, la guerra di cui voi altri dovete occuparvi, è la Rivoluzione sociale.

B. SPEZIALI

Itajuby, 24-9-1916.

ICOARANA

La mattina del XX Settembre mi sono affrettato a curare l'affissione del nostro manifesto in vari locali pubblici e negozi; però se negozianti come il Borrin o come il Caffagni, accettarono volentieri, ve ne fu uno, tal

Battista Dolci, che lo lacerò usando parole di disprezzo.

Il signor Dolci che è un antico colono, arrivato ad aprire una bottega a furia di privazioni, ce l'ha con gli anarchici forse perchè non bevono il *barbera* legittimamente bastonato e perchè predicano che il troppo bere atrofizza il cervello ed avviano che certe misture alcooliche rovinano la salute.

Indubbiamente l'attuale signor Dolci è padrone di permettere o no, in casa sua la affissione di ciò che oggi a lui non piace; ma io non praticai nessuno abuso poichè, in sua assenza ne avevo chiesto permesso alla sua moglie. E se a lui il manifesto non piaceva, poteva ben toglierlo senza ricorrere ad un frasario così volgare ed insultante.

Non essendo più un lavoratore che soffre, egli si crede in obbligo di pensare come pensano i grandi ladri capitalisti.

Padronissimo. Ma io lo metto alla gogna per quello che vale.

ANGELO BORDIGNO

Gli uomini più miserabili, più canaglie, più corrotti, più immorali, e più viziosi, sono i migliori soldati. WELLINGTON.

Il militarismo è la scuola del delitto.

A. HAMON.

RICERCA

Biasin Antonio, detto Zecchetello residente in Italia, fa ricerca di suo fratello Biasin Luigi del quale da anni non ha notizie e che prima risiedeva nella zona di Ribeirão Preto e Sertãozinho.

Chi ne potesse dare notizia è pregato scrivere a Fortunato dell'Ara, rua 4 n. 33, Rio Claro (estado de São Paulo).

Non sappiamo quali decisioni han prese o intendono prendere, e fare pubbliche, gli uomini del locale partito socialista; non sappiamo se intendono, o no, valersi dell'autorizzazione che possiamo suffragare quando che sia con altrettante firme, offerta loro dagli anarchici di S. Paulo, perchè, liberi d'ogni altra responsabilità che non sia quella di **provare pubblicamente le infamanti accuse**, ucano quanto sanno e contro chiesa, in forma chiara, precisa, inequivocabile, sul loro giornale; — ma però sappiamo che al compagno Florentino basta in ogni caso la stima e la fiducia dei propri compagni e sappiamo che la vile campagna denigratoria che attraverso gli uomini che se ne occupano, intendeva insidiare alla vita di «Guerra Social» ha ottenuto un risultato ben diverso da quello che i diffamatori si attendevano, poichè conosciuti quasi dovunque, essa ci ha valso l'appoggio e l'intensamento di quanti ci stimano e che hanno ben compreso a quali fini la campagna di diffamazione tendeva.

Ora gli uomini del P. S. paulistano non hanno davanti a sé che due vie d'uscita: **documentare pubblicamente le accuse lanciate** o dare prova di lealtà, di onestà **ri-trattandole senza equivocaioni**.

Tutto il resto è accademia che aumenta il dissidio e consiglia ad estreme risoluzioni.

Piccola posta

VILLA ADOLFO (Ceconi) — Faccemmo le modificazioni indicate; però ti sei scordato dirci dove dobbiamo spedire il giornale tuo. Saluti e non dimenticarci.

JAHU' (De Francesco) — Tardi rispondiamo, ma la tua andò smarrita in mezzo ad altre carte. Quel prodotto regola dai 70 agli 80 mil reis il chilogramma. Però un ingegnere chimico mi disse che bisogna aprire gli occhi poichè vi hanno aggiunto delle sostanze che aumentano il peso, ma non danno colore ai tessuti. Viva il commercio... degli alleati!

ITAJUBY (Speziali) — Sì, Penteado è un nostro compagno e se viene costà farete bene ad aiutarlo in tutto e per tutto. Anzi lo raccomandando a Ceconi, al Colabona ed all'Oliani. Ottima idea poter conquistare anche Rio Preto. Voi altri tutti dovrete occuparvene.

RIO CLARO (Dell'Ara) — Non volendo rimase fuori nel passato numero. Va in questo. Speriamo dia risultato.

AMPARO (N. Tortorelli) — Il giornale ci venne per due volte respinto, perciò sospendiamo.

RIBEIRÃO PRETO (Nanni) — Ricevuta nuova lista. Ottima iniziativa quella presa con Masticano per organizzare l'elemento delle località vicine. Bada all'articolo: *Alleanza Anarquista*.

